

PENSAMENTO IMAGINATIVO, INFÂNCIA E PRÁTICA DOCENTE: abordagem do Drama e formação continuada de professoras e professores do Mato Grosso do Sul

IMAGINATIVE THINKING, CHILDHOOD AND TEACHER PRACTICE: process drama and teacher training in Mato Grosso do Sul

Carlos Eduardo Soares Cordeiro

carloveduardo210999@gmail.com

Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

Flávia Janiaski

flajaniaski@hotmail.com

Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

Heitor Martins Oliveira

heitor_oliveira@uft.edu.br

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Mariene Perobelli

mariene@ufu.br

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Renata Ferreira da Silva

renataferreira@mail.uft.edu.br

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Wellington Menegaz

wellmenegaz@ufu.br

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Resumo:

O presente artigo apresenta elementos e resultados de um curso de formação pedagógica e artística de professoras(es) da educação infantil e fundamental 1 do Mato Grosso do Sul, tendo como escolha metodológica a abordagem do Drama. O trabalho com o Drama permite um leque de possibilidades e alternativas na realidade educacional brasileira mostrando-se potente para o trabalho interdisciplinar com o contexto de biomas e culturas brasileiras e os desafios socioambientais contemporâneos.

Palavras-chave: Drama, biomas, infância, formação de professoras(es).

Abstract:

This article presents elements and results of a pedagogical and artistic training course for early childhood and elementary school teachers in Mato Grosso do Sul, with process drama as the methodological choice. Working with Drama allows for a range of possibilities and alternatives in the Brazilian educational reality, proving to be powerful for interdisciplinary work with the context of Brazilian biomes and cultures and contemporary socio-environmental challenges.

Keywords: Process Drama, biomes, childhood, teacher training.

Contexto real: formação de professoras(es) no Mato Grosso do Sul

Neste artigo, escolhemos investigar o Drama, uma abordagem artística e pedagógica que surge na década de 1950 na Inglaterra, por meio da professora Dorothy Heathcote, que buscava trabalhar com crianças a criação coletiva de narrativas. Segundo Paula (2016, p. 83): “Drama, também denominado *drama in education* ou *process drama*, é um método específico de ensino do teatro, desenvolvido inicialmente na Inglaterra, e, mais tarde, em outras nações anglo-saxônicas.” (Paula, 2016, p. 83). Na década de 1990 o Drama desembarca em terras brasileiras, a responsável por essa travessia foi a professora Beatriz Ângela Cabral, mais conhecida por Biange Cabral. De lá para cá, o Drama vem figurando em diversos cursos de formação de licenciadas(os) em Teatro e Artes Cênicas, bem como práticas teatrais de professoras(es) da Educação Básica.

O presente artigo apresenta elementos e resultados de um projeto de extensão e pesquisa¹, que teve como objetivo produzir novas tecnologias educacionais a partir de uma formação pedagógica e artística, tendo como escolha metodológica a abordagem do Drama. A execução do projeto consiste em uma formação continuada de professoras(es) e estudantes da Educação Básica e Superior do estado do Mato Grosso do Sul, abrangendo de forma direta três cidades do estado – Dourados, Caarapó e Naviraí – e de forma indireta o Brasil como um todo, por meio dos materiais gerados e oficinas online. O projeto aborda os impactos sócio ambientais, promovendo um aprendizado interdisciplinar que integra áreas de conhecimento como Artes e Educação socioambiental, criando uma rede de atividades práticas, teóricas e discussões sobre os impactos ambientais no cerrado/pantanal brasileiros entre professoras(es) e estudantes da Educação Básica do Mato Grosso do Sul e de três universidades federais – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Universidade Federal do Tocantins (UFT) – a partir de práticas artísticas.

O projeto, que está organizado em quatro etapas, teve seu início em julho de 2023 com oficinas online para professoras(es) de todo o Brasil, mas especialmente para professoras(es) da rede de Educação Básica Mato Grosso do Sul. A segunda etapa foi de oficinas realizadas nas escolas e cidades parceiras em abril de 2024, em formato híbrido – online e presencial –, aprofundando a pesquisa prática em seu contexto escolar. Assim, pesquisadoras(es) e estudantes das universidades,

¹ Projeto intitulado ‘Drama como método de ensino: Tecnologias educacionais artísticas no contexto de biomas e culturas brasileiras ameaçadas’, contemplado pelo Edital FUNDECT Mulheres na Ciência Sul-mato-grossense.

professoras(es) e equipe pedagógica participaram coletivamente dos estudos teóricos e das práticas artístico-pedagógicas desta ação.

O projeto ainda prevê etapas que acontecerão no segundo semestre de 2024 e primeiro semestre de 2025. A terceira etapa, será um momento em que toda a equipe irá, presencialmente, vivenciar o processo completo de Drama como abordagem de ensino em parceria com as(os) professoras(es) e crianças das escolas parceiras nas cidades de Caarapó, Naviraí e Dourados. Nesta fase, além da criação e execução da imersão presencial em Drama, faremos a avaliação coletiva entre professoras(es) e crianças, todos agentes da pesquisa. Já a quarta etapa do projeto é de confecção de materiais e compartilhamento dos resultados: elaboração da produção bibliográfica, audiovisual e compartilhamento de resultados em eventos científicos nas universidades: UFGD, UFU, UFT.

Rodas de conversa e questionários via *Google forms* têm sido as principais formas de avaliação de cada etapa do projeto, além de uma diversidade de registros fotográficos e audiovisuais que servem como materiais de pesquisa e fontes para a criação de produtos que serão gerados na quarta etapa do projeto.

As reflexões apresentadas neste texto enfatizam a segunda etapa e, principalmente, as experiências de realização das oficinas presenciais. O texto argumenta e descreve como a abordagem do Drama contribui para o resgate e aprimoramento do pensamento imaginativo das(os) professoras(es) em formação continuada, como estratégia para incentivar e qualificar a sua prática docente na relação com a infância. Nossa discussão entrelaça os elementos do Drama e a descrição de aspectos das oficinas e do desenvolvimento da temática socioambiental, em diálogo com noções como devir-criança, imersão e dramaturgia sensorial.

Abordagem do Drama: pensamento imaginativo e infância

Para entendermos o Drama, precisamos saber que ele é a criação coletiva de uma narrativa, que acontece a cada aula, ou melhor, a cada episódio. Crianças, adolescentes ou adultos realizam improvisações ou atividades, denominadas de estratégias, que são selecionadas encontro por encontro pelo(a) professor(a) que propõe e conduz a experiência, a partir de um pré-texto definido anteriormente. Ou seja, o Drama pode ser considerado como sendo “[...]uma investigação teatral, de uma construção coletiva que se dá em processo em que todos os envolvidos estão em jogo,

assumindo papéis [...] e explorando situações propostas pelo coordenador, ou as que surgirem das improvisações.” (Paula, 2016, p.94).



Imagem 01: Do ficcional ao real. Fonte: Registrado pelo fotógrafo Caduts - Caarapó, 2024.

Mas quais os motivos levaram à escolha do Drama para um curso de formação continuada com professoras e professores que atuam com crianças? O Drama é uma abordagem que pode ser trabalhada de forma interdisciplinar, esse é um dos pontos que nos chama a atenção quando pensamos em propostas pedagógicas voltadas para a educação infantil ou anos iniciais do ensino fundamental. Ele consegue articular várias áreas do conhecimento a partir de um eixo central, que é o teatro. Cabral (2006, p. 33) nos apresenta uma proposta do Drama como eixo curricular, por entender que esta abordagem “refere-se assim a uma investigação ativa das circunstâncias e contextos definidos pelo professor ou professor e alunos, a partir do programa e/ou assuntos de interesse comum, os quais possam apresentar pontos de contato com as demais disciplinas”.

No nosso caso, escolhemos trabalhar como tema gerador os biomas do Mato Grosso do Sul, conforme já mencionado, pois acreditamos que a união entre Drama e temas geradores é uma estratégia significativa para investigar, de forma lúdica, questões importantes na atualidade, como o meio ambiente. A partir de um trabalho como este, o(a) professor(a) poderá propor estratégias a cada encontro que busquem pontos de contatos com outras disciplinas, uma vez que, “A utilização de um tema gerador revela-se como uma tentativa de integrar uma variedade de áreas de ensino a partir de um mesmo tema” (Cabral, 2006, p. 34).

Nossa aposta enquanto pesquisadoras(es) é conectar processos criativos a partir da abordagem do Drama com ambientes naturais, potencializando a absorção a partir da conexão das crianças com a natureza. Embora a ciência comprove os efeitos positivos da presença e do vínculo com a natureza tanto para a saúde integral, como para a aprendizagem, por que ela ainda segue tão distante dos ambientes escolares e das nossas práticas pedagógicas? Talvez porque os adultos, profissionais da educação, neste caso, por mais que tenham vivido uma infância vinculada às forças da natureza, muitas vezes não reverberam em suas práticas pedagógicas a importância do par criança e natureza.

Será que o modo de vida contemporâneo tem nos afastado da natureza fora e dentro de nós? Em tempos de crise climática, não há como abordarmos verdadeiras relações entre artes, educação e meio ambiente, se não vivermos o caminho de reconexão com o natural. Esta é nossa aposta reflexiva neste texto, pensar a potência da investigação de uma formação docente a partir do pensamento imaginativo em conexão com a natureza, com o devir-criança de cada professor e professora que vem participando desse processo para uma eficácia do trabalho pedagógico com as crianças.

O Drama como abordagem artística e pedagógica, vivenciado de forma prática e criativa com professoras(es) que trabalham com crianças, tem sido uma forma de conduzir poeticamente os adultos ao exercício do pensar imaginativo vinculado à natureza. Acreditamos que não há meios de garantir que as crianças possam aprender de forma imaginativa e conectadas à natureza se não reacendendo essa experiência nas e nos profissionais da educação.

A imaginação é um aspecto fundamental do Drama, que relaciona o contexto da realidade ao contexto da ficção. Experiências artísticas vinculadas com a natureza potencializam também o desenvolvimento da imaginação, que é a faculdade do pensamento próprio da criança. Ela apreende o mundo com todos os seus sentidos e, internamente, cria novas possibilidades e realidades por meio da imaginação. “O exercício da imaginação requer envolvimento. Esse envolvimento é a força que move as crianças a quererem ir ao encontro do mundo. Podemos então refletir que um ambiente que propicie o exercício da imaginação estabelece laços profundos entre a criança e o mundo” (Perobelli, 2017, p. 71). Percebemos, então, que o envolvimento relacionado à imaginação dialoga com a imersão necessária ao Drama. Logo, a imaginação e o processo de Drama estão profundamente relacionados.

Mas é importante atentarmos que a imaginação se alimenta de tudo aquilo que cerca a criança, como as outras pessoas, os elementos com os quais ela brinca, as experiências que ela vive no mundo, os conteúdos que acessa nas mídias etc. Quanto mais abertos e naturais forem os elementos com os quais ela brinca, mais potente será a sua imaginação. Quanto mais vivas forem as experiências com as narrativas, melhor será o desenvolvimento de sua imaginação. O que queremos dizer é que, quanto mais naturais e humanizadas forem as referências que a criança recebe do mundo, melhor será o desenvolvimento do seu pensar imaginativo. Para isso, precisamos garantir que elas possam brincar com elementos naturais, preferencialmente em meio à natureza. As experiências artísticas vivenciadas em estado de presença, como escutar histórias contadas e músicas tocadas ao vivo, como também criar esculturas, desenhos, instalações, canções são exemplos de recursos realizados em grupo que favorecem o pensar imaginativo. A imaginação bem vivenciada na infância é a base para todas as estruturas de pensamentos mais complexos que irão se desenvolver posteriormente, garantindo o aprendizado de conteúdos ao longo da jornada escolar.

Neste sentido, o Drama é uma abordagem de ensino que potencializa o pensar imaginativo e a criação coletiva. Além disso, ele não fragmenta os conteúdos, como costumam fazer os currículos convencionais. Num processo de Drama, todas as áreas de conhecimento estão presentes, transitando entre a realidade e a ficção. A natureza não é fragmentada, ela é toda interligada. A imaginação não é fragmentada, ela é fluxo criativo. Portanto, a forma como o Drama aborda o conhecimento e a experiência está coerentemente relacionada com os conteúdos temáticos deste processo sobre biomas e culturas sul-mato-grossenses.

Para que uma experiência artística e pedagógica possa ser considerada um processo de Drama, precisamos estar atentas(os) a cinco princípios, que denominamos convenções do Drama: pré-texto, contexto ficcional, episódios, processos e experimentação de papéis. Na sequência iremos abordar as convenções do Drama nos processos criativos desta pesquisa.

Pré-texto: biomas e culturas

Na abordagem do Drama, o pré-texto é um dos primeiros princípios que definimos. Segundo Cabral (2006, p. 15), o pré-texto “[...] fornecerá o ponto de partida para iniciar o processo dramático, e que irá funcionar como pano de fundo para orientar a seleção e identificação das atividades e

situações exploradas cenicamente”. Ele dará a base para todas as escolhas feitas. É importante que sempre o(a) condutor(a) do processo volte ao seu pré-texto, para rever as suas decisões e as resposta das(os) estudantes em relação a elas.

O pré-texto é muito diverso. No contexto do trabalho com crianças ele pode ser o tema gerador escolhido pela turma, uma história literária, uma lenda, entre tantas possibilidades. O importante é que de alguma forma sejam trabalhadas as questões que ele suscita. Por exemplo, ao escolhermos uma história literária, perguntamos: quais as questões presentes nesta obra que são relevantes para serem investigadas com a turma? A partir daí, elencamos temas presentes naquele pré-texto, que nos guiará durante todo o processo.

No nosso caso, o pré-texto escolhido foi uma referência mitológica que nos ajudasse a tratar do tema: a preservação dos biomas e culturas do Mato Grosso do Sul. Isso porque são contextos de realidades presentes em todas as comunidades escolhidas para participarem do projeto.

Nossa inspiração veio da lenda da serpente de asas bastante conhecida na cidade de Natividade, região sudoeste do Tocantins, explicitada pela historiadora Amália Hermano Teixeira, a saber:

Outra lenda sobre Natividade[...] é a da serpente que só não a destrói, bem como a outros centros populacionais do norte-goiano, pelo sortilégio das rezas de velhinhas nativitanas [...] A serpente mora na caverna que principia debaixo da igreja Matriz e vai acabar na Lagoa Encantada. A cabeça fica debaixo da Lagoa, a muitos metros da superfície, no fundo; a ponta do rabo está justamente no sub-solo da matriz. No corpo da serpente vão surgindo penas que, com oito dias, lhe dão forças para estrondar o chão e sair de sua caverna, destruir casas e habitantes não só de Natividade, mas das fazendas em redor, até às cidades de Chapada, Bonfim, Conceição do Norte, Arraias, Dianópolis, Porto Nacional e Peixe (Teixeira, A. 2011, p. 129 -130).

As lendas sobre animais míticos que ameaçam despertar do subterrâneo, especificamente serpentes, são comuns na cultura popular em várias partes do Brasil (Cascudo, 2002). Em nossa versão, optamos por criar um contexto ficcional similar a partir de uma onça, por entender que seria simbolicamente mais relevante para o contexto do Mato Grosso do Sul.

A partir do contexto real e do pré-texto, criou-se um contexto ficcional e, ao transitar entre realidade e ficção, os aprendizados, criações, transformações e busca de soluções aconteceram de forma coletiva, em que todas(os) as(os) participantes são sujeitos e agentes do processo.



Imagem 02: Olhos de dentro. Fonte: Registrado pelo fotógrafo Caduts - Caarapó, 2024.

Contexto ficcional: a lenda da onça

Após a definição do pré-texto, o(a) coordenador(a) delimita em qual contexto ficcional ocorrerá o Drama. Quando temos uma história de base, geralmente nos inspiramos nela para delinear o tempo, o local e outros dados relativos ao contexto. Sobre o contexto ficcional, destacamos:

É no âmbito da ficção que tudo irá acontecer: os conflitos e mistérios; as personagens e papéis se apresentarão. É importante salientar que todo o grupo, simultaneamente, é convidado a ingressar no contexto da ficção, inclusive os(as) professores(as). Dentro do grupo, as pessoas podem assumir papéis e personagens diferentes, mas estão todas juntas no contexto ficcional (Janiaski, Perobelli, Menegaz, 2023, p.18).

Um dado relevante é que o contexto ficcional precisa estabelecer diálogo com o contexto real das pessoas participantes do Drama, ou seja, é importante que elas “recebam um estímulo adequado, capaz de nutrir a imaginação a ponto de levar o grupo a ingressar na ficção. Logo, o contexto da ficção precisa ter alguma relação com a realidade daquele grupo” (Janiaski, Perobelli, Menegaz, 2023, p.18-19).

Ou seja, para que o contexto ficcional seja efetivo, a imaginação e as propostas criativas das crianças sejam garantidas, é preciso um preparo adequado de professoras(es) e artistas coordenadoras(es) do processo de Drama. Por isso, as primeiras fases deste projeto foram determinadas para a formação e preparo dos profissionais da educação. Não bastaria conhecer os

conceitos e as estruturas do Drama. Seria necessário uma imersão na experiência imaginativa vinculada à natureza.

Foi o que aconteceu com o nosso processo. Como tínhamos uma lenda como inspiração para nosso pré-texto, foi necessário criar um contexto ficcional que estabelecesse diálogo com o contexto real das(os) professoras(es) que eram moradoras(es) do estado e que queriam conhecer um processo teatral que investigasse os biomas de sua região. Assim, o contexto ficcional da proposta de Drama para as oficinas de formação de professoras(es) no Mato Grosso do Sul foi construído pela equipe do projeto:

Num lugar distante existe uma pequena cidade de paisagem plana e rica em água doce potável. Mas esta não é uma cidade comum. Nela existe um portal para uma cidade intraterrena situada no Aquífero Guarani. Algo está acontecendo na cidade da superfície que está contaminando as águas da Intraterra. Na Intraterra habita uma onça mitológica que bebe a água do Aquífero Guarani. Se a água for contaminada dentro da terra, ela subirá à superfície à procura de água e isso provocará um caos no relevo. A cidade, antes plana, se tornará rugosa e montanhosa, colocando em risco toda a vida atual dos habitantes da superfície.

Assim, a história, adotada como contexto ficcional, proporciona a conexão entre o contexto real, de professoras(es) atuantes num estado com sérias questões sócio-ambientais (por exemplo, a contaminação das águas por agentes químicos utilizados na monocultura e queimadas recorrentes) e o pré-texto previamente escolhido. Além disso, o contexto ficcional provocaria o grupo a investigar, criar hipóteses, buscar soluções... isto é, colocaria o grupo em ação...

Processo e episódios: de Vivacidade à Intraterra

Outro princípio importante no Drama, é o processo. Não há uma estrutura definida anteriormente, que contenha todas as aulas e estratégias desenvolvidas. Elaboramos o planejamento do primeiro encontro, e só após a sua conclusão é que iremos pensar nas respostas das(os) participantes, e a partir delas, do pré-texto e do contexto ficcional elaboramos o segundo encontro, e assim consecutivamente. Vale destacar que no Drama esses encontros são denominados de episódios, que podem ser definidos como uma unidade de atividades que compõem um aspecto da narrativa que será criada por todas as pessoas.

Ao final da construção da proposta da estrutura da cidade organizada por regiões, partimos para sugestões de nome para nossa cidade e para a construção de um mapa. Vivacidade foi o nome escolhido por votação com a ferramenta enquete disponível na plataforma.

Mas, ao final do episódio, o grupo foi surpreendido por outra professora-personagem, a guardiã do portal da Intraterra. A personagem trouxe à superfície a informação que Vivacidade não era uma cidade qualquer, pois ela abrigava um portal para uma outra cidade intraterrena sediada junto a uma grande reserva subterrânea de água doce, o Aquífero Guarani. Ela, a guardiã, foi enviada para dar uma mensagem aos habitantes de Vivacidade: algo acontece na superfície que coloca a possibilidade de vida nos dois mundos em perigo. Reforçou sobre o perigo de uma grande criatura mitológica que habita o mundo subterrâneo, a onça, subir à superfície em busca de água potável, o que ocasionaria um cataclisma. Podemos observar neste episódio a relação entre o contexto da realidade – todas as cidades onde estávamos desenvolvendo o Drama ficam sobre o Aquífero Guarani, que tem suas águas ameaçadas pelas ações humanas – e o contexto ficcional – a existência de uma cidade intraterrena e a onça mítica.



Imagem 05: Guardiã da Intraterra. Fonte: Registrado pelo fotógrafo Caduts - Naviraí, 2024.

Na semana que antecedeu ao encontro presencial, o grupo que já havia participado da oficina de formação *online* (primeiro episódio do processo de Drama), também recebeu propostas de ações semanais individuais de conexão com a natureza. No grupo de *whatsapp* do projeto, um

pequeno vídeo foi disponibilizado no qual a professora-personagem Guardiã da Intraterra propôs algumas atividades de preparação para os próximos desdobramentos ficcionais:

Queridos irmãos e irmãs de Vivacidade, daqui há uma semana estaremos juntos novamente. Eu gostaria de levá-los até o portal sagrado, que interliga a cidade da superfície com a cidade da Intraterra. Mas, para que seja possível o acesso ao portal, é preciso que vocês, ao longo desta semana, tirem os sapatos e pisem na terra. É preciso que contemplem o céu e que tomem água, pelo menos dois litros de água por dia. Até o nosso próximo encontro!

Estas apostas metodológicas de construção da ficção sugerem, de forma simples, ações de escuta, imersão e interação ao ambiente natural a fim de potencializar o devir-criança do pensamento das(os) professoras(es) para que colocassem para fora a rica capacidade imaginativa interior.

Gilles Deleuze, em sua obra junto com Guattari, explorou o conceito de "devir" como um processo de transformação contínua e não como um estado fixo. O termo "devir" sugere uma constante transformação e movimento em direção a algo diferente (Deleuze; Guattari, 2012). No contexto da expressão devir criança do pensamento fazemos um convite para uma disposição mais aberta, curiosa e criativa junto à natureza para que as(os) professoras(es) possam, em suas propostas metodológicas, fortalecer o par natureza e pensamento imaginativo.

Além do estímulo pela busca de contato com sons da natureza nas atividades individuais propostas para as(os) professoras(es), o convite à escuta pontuava a abertura de cada encontro virtual e presencial, os exercícios e jogos de relaxamento e concentração. A sonoridade recorrente nesses momentos era a de uma flauta artesanal, executada ao vivo por um dos pesquisadores. Essa escolha sonora está relacionada à suavidade do instrumento e às associações de seu timbre com o vento, cantos de pássaros e culturas tradicionais, buscando contribuir para a construção de um ambiente sereno e coerente com a narrativa construída no processo de Drama. A escuta sensível que buscamos vai na direção de uma experiência estética com implicações para a formação humana:

A melodia permite a experimentação dos estados de coesão, de conexão mais plena entre sentido e intenção, começo e fim. A música reata homem e natureza, fazendo aflorar a audição interior, o encontro do sujeito consigo mesmo, aciona o diálogo entre sensibilidade, ética e estética, ordem e caos, silêncio e ruído, repetição e variação (Marton, 2008, p. 56).

Portanto, por meio de seus gestos e conteúdos expressivos, a escuta musical tece pólos da experiência e aponta na direção de uma escuta sensível do mundo. Uma escuta que, como na atividade proposta para as(os) professoras(es), de contato sensorial com a natureza, busca construir as suas próprias paisagens sonoras, como forma de resistência à massificação dos sentidos e descaso com a preservação dos biomas. Proteger a diversidade de sons da natureza, é também preservar esse estado fundamental de escuta, que está na base de todo pensamento e imaginação (Marton, 2008, p. 57).



Imagem 06: Ambiente Sonoro. Fonte: Registrado pelo fotógrafo Caduts - Naviraí, 2024.

No intervalo entre oficina *online* (primeiro episódio) e oficina presencial (segundo episódio) as(os) professoras(es) também foram solicitadas(os) a construir personagens: habitantes de Vivacidade. Deveriam também levar figurinos e objetos que auxiliassem na composição dessas personagens.

O segundo episódio, realizado nas oficinas presenciais em cada uma das três cidades parceiras, foi planejado com uma série de acontecimentos. Primeiro, ocorreu a apresentação dos habitantes. Depois, houve a intervenção de uma pesquisadora como professora-personagem, a Governadora do Estado, que trazia a necessidade de uma decisão da cidade sobre a construção de uma nova estrada. Antes que a decisão fosse tomada, surgia a figura da Guardiã da Intraterra para convidar os habitantes a atravessar o portal e conhecer o local misterioso. Após essa experiência, voltava-se ao contexto real para uma roda de conversa final sobre o processo de Drama vivenciado.

Experimentação de papéis: imersão e dramaturgia sensorial

Por fim, destacamos a experimentação de papéis. No Drama, há momentos em que as(os) participantes da experiência assumem papéis.

No contexto da ficção adentraremos em outros ambientes, cenários e relações. Neles, podemos transitar, de um episódio a outro, por diferentes papéis ou personagens. Atuar representando outros papéis ou personagens possibilita a experiência da teatralidade e traz o exercício da alteridade (Janiaski, Perobelli, Menegaz, 2023, p. 19).

O mesmo acontece com o(a) professor(a) que está propondo o Drama. Haverá momentos em que assumimos um papel ou personagem, com o intuito de mediar as criações e apoiar a imersão das pessoas participantes na narrativa. Para esta estratégia usamos a nomenclatura de professor(a)-personagem.

O desafio em nosso projeto era desenvolver o processo de Drama de maneira híbrida, evocando de maneira significativa o contato com a natureza como elemento relevante tanto ao desenvolvimento do pensamento imaginativo quanto à temática escolhida. Assim, a experiência proposta pelas(os) pesquisadoras(es) às(aos) professoras(es) foi rica em sensorialidades, buscando ativar memórias, imaginação e curiosidade, potencializando o aspecto de ambientação cênica e experimentação de papéis da abordagem do Drama.

Em uma das realizações do segundo episódio (oficina presencial) com as(os) professoras(es), tivemos a oportunidade de realizar parte das ações no pátio, ao ar livre, sob um lindo céu estrelado. Foi nesse ambiente que o grupo jogou com seus personagens na cidade criada, como também dançou e cantou se preparando para conhecer a Intraterra (cidade criada no contexto da ficção do Drama) a partir do convite da Guardiã do Portal. O que acontece quando nossos processos criativos são realizados nos espaços naturais disponíveis?

Quando olhamos para o céu à noite, exercitamos o corpo na relação com o infinito, expandindo nosso horizonte pessoal. Localizamo-nos vendo as estrelas, percebendo as fases da lua e nos surpreendemos ao ver um corpo celeste. Este espaço pareceu favorecer a capacidade imersiva na ficção das(s) participantes, pois foi recombinação ao convite para a dança e ao ritual de preparação para entrada no portal da Intraterra.



Imagem 07: Vivenciar. Fonte: Registrado pelo fotógrafo Caduts - Naviraí, 2024.

Minutos antes de cruzarmos o portal da Intraterra comunicamos de forma suave às(aos) professoras(es), que estavam de olhos vendados, que era chegado o momento de fazer a travessia. Tocamos gentilmente cada participante em um dos ombros para interromper o fluxo de cantos e dança que estavam fazendo com a professora-personagem, Guardiã do portal, perguntando se estavam preparadas(os) e se realmente desejavam ir.

As respostas foram afirmativas e cheias de expectativas. Conduzimos as(os) professoras(es) até a entrada da sala previamente preparada para a experiência, pedindo que tirassem os sapatos. Informamos que a(os) acompanharíamos por todo o trajeto e que se sentissem qualquer desconforto poderiam nos comunicar. Algumas(uns) professoras(es) vibravam, outras(os) respiravam fundo e temiam, algumas(uns) mencionavam que estavam nervosas(os) e outras(os) alegres e cheias(os) de expectativas.

Para realizar a travessia do portal que leva à Intraterra, as(os) professoras(es) foram conduzidas(os), de olhos vendados, em uma série de experiências sensoriais como tato de objetos com diferentes texturas e caminhada sobre diferentes tipos de materiais naturais, na direção de uma música sendo executada ao vivo com som de instrumentos e voz. Esse conjunto de estímulos sensoriais promove a imersão, a diminuição do distanciamento crítico e o aumento do envolvimento corporal e emocional com os acontecimentos. As(os) professoras(os) estavam brincando de

verdade, envoltas numa experiência imersiva de jogo, observada frequentemente nas crianças. O que gostaríamos de destacar é a capacidade imersiva na experiência ficcional das(os) participantes.

Após a travessia do portal, o preenchimento sonoro do espaço com a execução de instrumentos musicais e vozes pelas(os) pesquisadoras(es) se intensificava. Um aroma de essência vegetal foi introduzido no ambiente. A personagem Guardiã guiou uma visualização criativa da Intraterra. A narrativa que guiava a imaginação tinha uma estrutura porosa, que apontava elementos, mas também deixava brechas para que cada participante pudesse criar com sua imaginação e sensorialidades.

A dramaturgia sensorial imersiva desta parte do episódio colocava o(a) professor(a) no centro da experiência teatral, proporcionando que construísse uma narrativa imaginativa, a partir de um tecido de indícios que permitissem essa (re)construção pessoal de sentido. A dramaturgia sensorial inclui estímulos olfativos e táteis, bem como auditivos (Desmontajes, 2021). O papel das(os) professoras(es)-personagens também sofreu uma transformação, pois não somente diziam textos e realizavam cenas, mas também acompanhavam as reações das(os) professoras(es) em todos os momentos, numa dinâmica própria de trabalho coletivo.⁹

Ao fim da experiência pela Intraterra as(os) participantes foram levadas(os), individualmente e ainda de olhos vendados, para o ambiente de Vivacidade. Lá foram recebidas(os) por um jornalista (professor-personagem) que entrevistava as(os) viajantes da Intraterra, coletando suas percepções. Encerramos o segundo episódio com uma roda de conversa sobre a experiência, no contexto da realidade.

Considerações finais

Avaliamos que a ação apresentada possui grande potencial a partir da abordagem do Drama, que possibilitou às(aos) professoras(es) da Educação Básica e estudantes da Licenciatura de Artes Cênicas, a vivência, de maneira sensível e estética, de oficinas e processos de Drama na prática. Nossa hipótese é que assim possam criar e vivenciar processos de Drama em suas escolas.

As interações foram significativas e assim, o aprendizado aconteceu pela experiência imersiva em contextos ficcionais que dialogam com situações do contexto real das comunidades e das(os) participantes, ou seja, os sujeitos não forneceram dados, mas construíram conhecimentos ao trabalharem com o Drama como abordagem de criação, aprendizado e pesquisa, partindo de

problemas vividos no contexto real. As oficinas foram de fato um processo coletivo de experiência artística e educativa, em que todas(os) foram escutadas(os) em relação aos seus desafios e realidades vivenciados na escola e em suas comunidades.

Durante as oficinas as(os) professoras(es) tiveram a possibilidade de fruir, contemplar, experienciar, criar, vincular com a natureza e imaginar. Estar presente enquanto sujeito criador permitiu que as(os) participantes da oficina atuassem de forma coletiva dentro de um processo criativo que era tecido por todas(os), a partir do encontro. No Drama, o acontecimento se dá no encontro, no espaço-tempo entre nós. Quando falamos, é preciso simultaneamente escutar; quando criamos, é preciso simultaneamente contemplar. O trabalho com o Drama permite um leque de possibilidades e alternativas na realidade educacional brasileira, que como aponta Janiaski “por ser distinta da realidade onde nasceu este método (a Inglaterra) precisa ser apropriado e adaptado para que seja funcional. Mas que sim, ele é possível de ser realizado e pode mesclar distintas abordagens” (Janiaski, 2020 p. 449). Esta pesquisa tem buscado vivenciar a abordagem do Drama, que nasceu no Reino Unido, vinculando aos biomas e culturas brasileiras, que se manifestam na corporalidade, nos ambientes naturais, sonoros e na teatralidade brasileira e sul-mato-grossense.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec: Edições Madacarú, 2006. (Pedagogia do Teatro)
- CASCUDO, Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2002.
- DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. **Mil Platôs**. Trad. Aurélio Guerra Neto; Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão; Suely Rolnik. Vol.3. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DESMONTAJES. **Episódio 2: El Teatro Oscuro de Marcela Juárez**. Entrevistada: Marcela Juárez. Entrevistadores: investigadores del IPROCAE, Centro de Investigaciones Dramáticas. Facultad de Arte. UNCPBA. Argentina. Junho, 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3G5UVcYbNum9gfmCHgwIT7>. Acesso em: 13 fev. 2024.
- PAULA, Wellington Menegaz de. **Drama-processo e ciberespaço: o ensino do teatro em campo expandido**. Doutorado em Teatro – Centro de Artes, Programa de Pós-graduação em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- PEREIRA, Diego de Medeiros. **Que Drama é esse?!?: práticas teatrais na educação infantil**. 1. Ed. São Paulo: Hucitec: 2021.

JANIASKI VALE, F. Process Drama e suas possíveis formas de desenvolvimento. **ouvirOUver**, v. 16, n. 2, p. 436–450, 2020. DOI: 10.14393/OUV-v16n2a2020-53831. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/53831>. Acesso em: 26 ago. 2024.

JANIASKI, Flávia; PEROBELLI, Mariene; MENEGAZ, Wellington. **Drama através do espelho: processos artísticos e pedagógicos em ambiente digital**. Jundiaí: Paco Editorial, 2023.

MARTON, Silmara Lídia. Escuta sensível e auto-formação. **Sessões do Imaginário**, v. 13, n. 20, p. 56-63, 2008. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4834>. Acesso em 29 jul 2024.

PEROBELLI, Mariene H. **Uma jornada artístico-docente: artes cênicas, infância e ancestralidade**. Tese de doutorado em Artes Cênicas, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

TEIXEIRA, Amália Hermano. **História de Goiás**. Organização de Eleuzenira Maria de Menezes e Janete Romano Fontanezi. Goiânia: Instituto Histórico e Geográfico de Goiás; Editora Kelps, 2011.

Artigo submetido em 30/08/2024, e aceito em 20/10/2024.